

DA CONSTITUIÇÃO NARCÍSICA À DOR CRÔNICA: UM ESTUDO DE CASO

MORGANA NUNES¹; CAMILA PEIXOTO FARIAS²

¹Universidade Federal do Rio Grande do Sul – mog.nunes@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - pfcamila@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A discussão proposta no presente resumo é parte de um Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado no curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas, e vinculado ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicanálise - Pulsional. O presente trabalho se propõe a compreender a constituição, organização e reorganização narcísica, a partir de um estudo de caso, de uma paciente em cuidados paliativos devido ao diagnóstico de doença crônica: fibromialgia ou dor crônica (termo que utilizaremos). A dor crônica é aquela que faz o corpo doer sem cessar, uma dor que insiste em se fazer presente no corpo como manifestação de um sofrimento. Neste trabalho a dor crônica é pensada a partir de uma base psíquica que está vinculada a experiências traumáticas sofridas pelo sujeito (CARDOSO; PARABONI, 2010).

A dor crônica integra é uma das patologias que faz parte do campo dos cuidados paliativos, por não ter cura, apenas controle dos sintomas. Neste sentido, é possível pensar nos cuidados paliativos que, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (WHO, 2002), representa o cuidado na perspectiva de uma doença que está fora de possibilidade de cura e que ameaça a continuidade da vida, com o intuito de promover qualidade de vida e alívio do sofrimento para pacientes e familiares. Sendo assim, a atenção direcionada aos cuidados paliativos deve começar a partir do momento do diagnóstico da impossibilidade de cura. Assim, o cuidado paliativo auxilia no manejo das dores e no enfrentamento do luto (MATSUMOTO, 2012). A perspectiva dos cuidados paliativos está muito além do manejo da dor física, ela contempla o conceito de “dor total”. Conceituado por Cecil Sandes, abrange as quatro dores: física, psicológica, espiritual e social, pensando e cuidando do sujeito como um ser integral (MATSUMOTO, 2012).

O adoecimento abre espaço para transformações no cotidiano, a dor crônica exige uma outra rotina, com novos lugares que passam a ser frequentados, uma nova posição familiar, o conhecimento de novas pessoas que também enfrentam doenças crônicas, ou seja, é necessária uma reorganização do eu para lidar com essa nova realidade que se impõe. Tendo isso em vista, o objetivo do estudo é investigar os desdobramentos narcísicos do diagnóstico e do tratamento da dor crônica, a partir de um estudo de caso único, tendo como articulador teórico a teoria psicanalítica.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho trata-se de um estudo de caso, com uma paciente em cuidados paliativos e em atendimento psicológico. Os dados foram coletados a partir de quatro entrevistas presenciais. Utilizo o método psicanalítico, que prevê não apenas o aporte teórico da teoria psicanalítica para sua construção, mas também de fundamentos básicos do modelo psicanalítico, como a transferência, que é fundamental para a realização de uma pesquisa psicanalítica (FIGUEIREDO;

MINERBO, 2006). Na pesquisa com o método psicanalítico, qualquer fragmento pode ser analisado, a partir do viés da psicanálise e da ação do analista – a interpretação -. Este método parte da heurística, ou seja, a busca da descoberta de novos elementos. Deste modo, a pesquisa com o método psicanalítico, além de contribuir para o trabalho e experiência individual de quem pesquisa, também deixa aberta a possibilidade de trazer algo ainda não estudado pela psicanálise (FIGUEIREDO; MINERBO, 2006).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente estudo foi realizado com a Maria, uma mulher negra de 38 anos, casada, com dois filhos e com um diagnóstico de fibromialgia. Maria tem a violência do racismo estrutural atravessada em sua história de vida. Isso aparece de forma contundente no abuso sexual e nas discriminações sofridas na escola, por exemplo.

O racismo é estrutural na nossa sociedade e tem repercussões violenta em escala global e individual, KILOMBA (2019) fala sobre a ação violenta do racismo e de como a organização mundial foi alicerçada na exploração da população negra. FANON (2008, p. 186-187) “O negro, mesmo sendo sincero, é escravo do passado [...]. Diante do branco, o negro tem um passado a valorizar e uma revanche a encaminhar. Diante do negro, o branco contemporâneo sente a necessidade de recordar o período antropofágico”. A fala de Fanon retrata a realidade cruel vivida pela população negra. A vida de Maria evidencia tal realidade cruel. Abordaremos alguns desses momentos que atravessados pela violência racista, deixaram marcas constitutivas e que refletem hoje em seu corpo através da dor.

Quando falamos em constituição, falamos, em psicanálise, em narcisismo. O narcisismo refere-se ao processo de constituição do Eu, essa instância que media a relação do mundo interno com o mundo externo. Não nascemos com o Eu constituído e assim, são necessários alguns elementos e cuidados para que ele se constitua. Um dos elementos fundamentais para o processo de constituição é a relação com o outro, a forma de investimento que o outro direcionará para o sujeito. Assim, o outro investe no bebê e a partir destes investimentos e dos cuidados, o bebê vai descobrindo as partes do seu próprio corpo, descobrindo sua existência. O investimento do outro é a base para que o sujeito possa investir em si mesmo. A forma do adulto investir na criança, a lógica social transmitida, os preconceitos e violências reproduzidos alicerçaram as formas da criança investir em si mesma e no outro.

Maria tem, em seu processo de constituição a reprodução do racismo, também sofrido pela sua mãe. O abuso sexual, sofrido dos 6 aos 9 anos e o racismo reproduzido na escola foram silenciados pela família, no intuito de não “gerar confusão”. Entretanto, o sofrimento que ficou silenciado neste período faz com que Maria grite pelas dores que sente. As violências sofridas, tanto de ordem física quanto de ordem psíquica, reverberam preponderantemente no corpo. Dentre as formas de manifestação das dores psíquicas nos interessa destacar o quadro da dor crônica, neste sentido, é possível perceber o sofrimento intenso na fala de Maria *“as vezes vem umas fincadas da planta do pé pra cima, parece que estão te cravando uma faca e tu grita, não aguenta a dor, parece que estão me esfaqueando, é essa a impressão que dá. Dá uma dor impressionante e quando dá essas dores assim não tem como eu aguentar”*.

Um corpo que dói sem cessar nos remete a pensar na ideia de uma descarga pulsional, na descarga de uma excitação traumática que não pôde ser simbolizada,

elaborada. Considerando a questão traumática, FREUD (1926/1996) fala que é uma experiência de desamparo por parte do ego face de um acúmulo de excitação, ou seja, um excesso de energia libidinal que invade o Eu e não consegue ser elaborada psiquicamente e como recurso defensivo é descarregada no corpo. KILOMBA (2019) faz uma problematização do conceito de trauma para Freud para pensar o trauma nas situações de racismo cotidiano. Para ela o trauma é “acúmulo de eventos violentos que, ao mesmo tempo, revelam um padrão histórico de abuso racial, que envolve não apenas os horrores da violência racista, mas também as memórias coletivas do trauma colonial” (p. 215).

O grito que ficou preso dentro de Maria na infância, hoje transborda para o corpo em forma de dor e sofrimento: *“quando eu to com dor intensa e mais a fraqueza, quando os músculos se enrijecem, que eu vou mexer a perna e não consigo, ou caminhar e tenho que caminhar dois, três passos e não aguento o peso do meu corpo e tenho que me deitar”*. CARDOSO (2017) mostra que quando os mecanismos psíquicos para elaborar os acontecimentos falham ou quando não há recursos para se lidar com eles, o destino para esse sofrimento se volta para o corpo, no caso da Maria, esse excesso é descarregado em forma de dor. KILOMBA (2019) pensa a dor como uma resposta ao racismo e chama a dor causada pelo racismo de uma “dor desumanizante” (p. 219). Neste caso o “desumanizante” descreve a forma com que Maria se vê, a partir do olhar destes outros que transpassaram a história de sua vida.

Em relação ao abuso sexual sofrido por Maria, não podemos desvincular ele da lógica racista, em que o corpo de uma mulher negra é sexualizado desde sua infância. GONZALES (1984) problematiza a relação do corpo da mulher negra como um corpo “servil”, em que as mucamas serviam para todas as atividades domésticas, criação dos filhos de mulheres brancas, além de, precisarem servir às necessidades sexuais de homens brancos e negros.

A história da mulher negra na sociedade é marcada por situações de violência e diversos abusos de ordem física e psíquica. DAVIS (2016) fala que seus corpos não pertenciam a si, mas aos seus “donos”, o cotidiano dessas mulheres era (é) cercado do trabalho como doméstica, pela violação de qualquer direito e por várias formas de abuso, principalmente o sexual. Tendo esse relato e analisando a história de forma crítica, percebemos o racismo como uma questão estrutural, que produz e reproduz violências aos corpos e psiquismos das mulheres negras.

Maria, por muitas vezes ao longo da sua história de vida passou por situações onde todo o seu sofrimento e sua dor foram desconsiderados e silenciados, no entanto, encontrou na Unidade Cuidativa um espaço de acolhimento e de cuidado, tendo a oportunidade de ser ouvida, algo tão raro até então. Portanto, Maria percebe este espaço como um amparo e acalento para a sua dor física, e principalmente para sua dor psíquica. O cuidado paliativo assume este espaço do cuidado integral, que ultrapassa a barreira do aspecto físico, preocupando-se com todas as dores que um sujeito pode sentir, sendo ela física, psíquica, social, etc (PINELI, et. al. 2016). Por essa razão, o cuidado paliativo influencia de forma importante a vida do sujeito que é atendido, uma vez que o cuidado é direcionado levando em consideração a singularidade, subjetividade e complexidade de cada sujeito e não uma doença ou um diagnóstico reduzidos a um caráter biomédico.

4. CONCLUSÕES

Por se tratar de um estudo psicanalítico investigativo, a partir de um caso único e decisivo, a pesquisa concentrou-se em compreender a constituição narcísica de Maria, com sua singularidade, subjetividade e complexidade. Ao escutar, pensar e elaborar a história de vida de Maria durante o processo de construção neste trabalho, no período de coleta de dados, entrevistas, transcrição das entrevistas e articulação teórica, foi possível perceber que o caminho percorrido durante a sua constituição narcísica foi atravessado por aspectos muito violentos sustentados pelo racismo estrutural. Estas violências aconteceram em momentos em que o Eu precisava de amparo e cuidado para se constituir.

A história de Maria é um recorte de uma sociedade que se estrutura a partir do racismo e portanto, através da violência. Dessa forma, a psicologia, e mais especificamente a psicanálise, possui um papel fundamental – ético e político – ao pensar no cuidado a partir de uma perspectiva antirracista, ouvindo e reconhecendo sofrimentos e dores que na maioria das vezes são invisibilizados, silenciados e desqualificados.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARDOSO, M. R.; PARABONI, P. Dor física crônica: uma estratégia de sobrevivência psíquica? **Revista Mal-estar e Subjetividade**, v. X, nº 4, p. 1203-1219, dez, 2010.
- CARDOSO, M. R. Repensando o trauma e o intraduzível com Jean Laplanche. In: RIBEIRO, P. C. et al. **Por que Laplanche?** São Paulo: Zagodoni Editora, 2017.
- DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. 1ª ed., São Paulo: Boitempo, 2016.
- FANON, F. **Pele negra, mascaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FIGUEIREDO, L. C.; MINERBO, M. Pesquisa em Psicanálise: Algumas ideias e um exemplo. **Jornal de Psicanálise**, v. 30, n. 70, p. 257-278, 2006.
- FREUD, S. **Estudos sobre a histeria (1893-1895)**. Edição standart brasileira das obras completas de Sigmund Freud. V. 02, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916) Obras completas, v. 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FRED, S. **Um estudo autobiográfico, Inibições, sintomas e ansiedade, A questão da análise leiga e outros trabalhos (1925-1926)**. Edição standart brasileira das obras completas de Sigmund Freud. V. 20, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GONZALES, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, p. 223-244, 1984.
- KILOMBA, G. **Memórias da plantação**: Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- MATSUMOTO, D. Y. Cuidados Paliativos: conceitos, fundamentos e princípios. In: CARVALHO, R. T.; PARSONS, H. A. (org.). **Manual de Cuidados Paliativos ANCP**. 2 ed. Academia Nacional de Cuidados Paliativos ANCP, 2012.
- PINELI, P. P.; KRASILCIC, S.; SUZUKI, F. A.; MACIEL, M. G. S. Cuidado Paliativo e Diretrizes Curriculares: Inclusão necessária. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 40, nº 40, p. 540 – 546, 2010.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. **National Cancer Control Programmed: Policies and Managerial Guidelines**. Segunda Edição. Genebra: WHO, 2002.